

Recensão

Solís García, P. (2014). *Cuerdas* [Curta-metragem]. La Fiesta PC.

Olhares de uma futura professora sobre a curta Cordas: Inclusão, empatia e dignidade na escola

Resumo

A curta-metragem *Cordas* (originalmente *Cuerdas*, Solís, 2014) constitui um objeto de análise privilegiado para refletir sobre a inclusão escolar e a dignidade humana. A sua narrativa explora o potencial da empatia e da criatividade pedagógica, através da amizade entre duas crianças, Maria, criança dita normal, e Nicolás, uma criança com paralisia cerebral grave.

Este texto traduz-se numa recensão crítica à curta-metragem *Cordas*, desenvolvida sob o olhar de uma estudante de Licenciatura em Educação Básica e futura docente. A reflexão parte da relação construída entre as personagens para analisar a importância da empatia, da aceitação da diferença e do papel da escola na promoção de práticas inclusivas. Tendo como fio condutor os princípios da Educação Inclusiva, o texto articula a narrativa da obra com o Decreto-Lei n.º 54/2018 e com a necessidade de uma formação inicial de professores centrada no respeito pela dignidade humana e na valorização da diversidade. Procura-se, assim, evidenciar que a inclusão não depende apenas da iniciativa individual, mas também do compromisso ético, pedagógico e institucional na construção de uma escola verdadeiramente para todos.

Página | 86

Palavras-chave: inclusão; empatia; escola; formação docente; diversidade.

Abstract

The short film *Strings* (originally *Cuerdas*, Solís, 2014) constitutes a privileged object of analysis for reflecting on school inclusion and human dignity. Its narrative explores the potential of empathy and pedagogical creativity, through the friendship between two children, Maria, a so-called normal child, and Nicolás, a child with severe cerebral palsy.

This text translates into a critical review of the short film *Strings*, developed from the perspective of a student in Basic Education and future teacher. The reflection starts from the relationship built between the characters to analyse the importance of empathy, acceptance of difference, and the role of the school in promoting inclusive practices. With the principles of Inclusive Education as a guiding thread, the text articulates the narrative of the work with Decree-Law No. 54/2018 and with the need for initial teacher training focused on respect for human dignity and the appreciation of diversity. The aim, therefore, is to highlight that inclusion depends not only on individual initiative, but also on ethical, pedagogical, and institutional commitment to building a school that is truly for everyone.

Keywords: inclusion; empathy; school; teacher training; diversity.



Cordas que libertam: Entre o afeto e a norma

A curta-metragem "*Cordas*", realizada por Pedro Solís García (2014), apresenta-se como uma narrativa densa e emocionalmente carregada que, embora ocorra num contexto de orfanato, vai ao encontro dos desafios da escola inclusiva contemporânea. A análise desta narrativa sustentou-se na sensibilidade pedagógica e nos documentos enquadramentos que sustentam a futura profissão, visto ainda não ter a experiência da prática, ser futura docente, ainda no percurso da formação inicial.

O enredo apresenta-nos Nicolás, um aluno recém-chegado ao orfanato, cuja paralisia cerebral severa o isola do grupo de pares, que, aliás, o observa com estranheza e distanciamento, à exceção de Maria. É ela quem, de forma instintiva e criativa, rompe este isolamento. Através de uma corda, ela transforma a cadeira de rodas de Nicolás num instrumento de participação, permitindo-lhe "jogar" futebol, ou brincar às escondidas. Esta ação de Maria é a materialização prática do que o Decreto-Lei n.º 54/2018 preconiza para todos e cada um, ou seja, a garantia de que cada aluno, independentemente da sua condição, tenha direito a participar plena e ativamente na vida da comunidade educativa. Maria não vê em Nicolás um rótulo ou uma patologia. Ela vê um colega e, nesse processo, reconfigura o meio para que a inclusão aconteça. Esta atitude espelha e materializa os princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA), onde a flexibilidade das estratégias permite reduzir as barreiras à participação. A história de Maria e Nicolás não é apenas um relato de amizade, mas uma metáfora sobre as barreiras e as pontes que definem a experiência educativa de crianças com necessidades e/ou deficiências acentuadas.

Página | 87

Contudo, um olhar mais crítico sobre a curta obriga a olhar para além do lirismo da amizade, pois, ainda que a iniciativa de Maria seja inspiradora, revela uma vulnerabilidade sistémica onde a inclusão parece depender quase exclusivamente da boa vontade e da criatividade individual. Como adverte David Rodrigues (2018), a mudança de paradigma para uma escola verdadeiramente inclusiva não pode ser um ato isolado de "heroísmo" pedagógico, mas deve ser sustentada por equipas multidisciplinares e por uma organização escolar que garanta recursos e segurança. O trágico acidente que interrompe a vida de Nicolás na narrativa levanta questões pertinentes sobre a responsabilidade institucional e a necessidade de ambientes que sejam, simultaneamente, inclusivos e seguros. A "corda" que liberta Nicolás para o jogo é a mesma que, simbolicamente, representa, nesta curta, os laços de inclusão, afeto e cuidado construídos entre as crianças. Todavia, essa mesma corda lembra-nos que a inclusão, quando não acompanhada pelo devido suporte técnico, emocional e institucional, também pode gerar "nós" difíceis de desfazer, como situações de sofrimento, luto ou trauma para as quais a escola nem sempre está preparada. Assim, o símbolo que une e aproxima é igualmente aquele que evidencia os desafios profundos que a inclusão pode trazer quando faltam recursos e estratégias adequadas para lhes dar resposta.

Na narrativa em análise, a dignidade intrínseca de Nicolás é preservada através do olhar de Maria, que reconhece nele um sujeito de direitos e não um objeto de caridade. Contudo, permite-nos refletir que os direitos humanos e os princípios da inclusão não podem permanecer apenas no plano do discurso ou da sua proclamação formal. É indispensável que sejam efetivamente respeitados e vividos nas práticas quotidianas. A dignidade, o respeito pela diferença e a inclusão não constituem favores concedidos

pela escola, mas sim direitos inerentes a cada criança. De forma natural, empática e intuitiva, Maria demonstra estar alinhada com os princípios defendidos pela Convenção dos Direitos da Criança (ONU, 1989) e pela Declaração Universal dos Direitos Humanos (ONU, 1948), revelando uma compreensão genuína da igualdade e da valorização da diversidade humana, ainda que a restante comunidade não o tivesse demonstrado. Esta perspetiva assume um carácter imperativo e crucial na formação inicial de professores, pois educar implica reconhecer cada aluno na sua singularidade e dignidade. A transição de Maria para a vida adulta, já enquanto professora, mantendo a corda no pulso, deixa antever a continuidade destes valores ao longo da sua identidade pessoal e profissional, simbolizando a permanência da memória afetiva e ética na construção de uma prática docente inclusiva.

A curta *“Cordas”* suscita reflexões sobre a profissão docente como ato profundamente humano e ético, exigindo que o professor seja “pessoa-professor” plena. Destaca também a distância entre políticas inclusivas e a prática diária em sala de aula, convidando a contextualizar o currículo e as estratégias pedagógicas para dar significado real a todos os alunos (Leite, 2015).

O papel do professor em *“Cordas”* emerge como figura central de profissionalidade humana, indo ao encontro da aceção de António Nóvoa (2004) que nos costuma lembrar que o professor é a pessoa. E que a pessoa é o professor, ou seja, não se podem dissociar as dimensões pessoal e profissional, logo ensinamos aquilo que somos. Neste sentido, o docente não é mero técnico, mas um “cuidador” ético e afetivo, como sublinha Baptista (2005) ao falar da educação como “compromisso ético” com o outro. Nesta linha, os professores são agentes transformadores fazedores da mudança, numa democracia onde as suas práticas pedagógicas são determinantes para a inclusão. Cordas ilustra esta humanização a partir da postura de Maria que materializa um ensino voltado para a dignidade e a alteridade, mais do que para a mera transmissão de conteúdos.

Contudo, também se revela a lacuna entre a teoria inclusiva e o quotidiano escolar, pois como Nóvoa observa (2004), ainda falta inscrever práticas reflexivas no dia-a-dia docente, e muitas vezes há “desvios tecnicistas” que não consideram a especificidade de cada aluno. E nesta linha, Leite (2015) destaca que só a ação pedagógica concreta pode fazer a diferença, tornando-se imprescindível usar processos de contextualização e recontextualização do currículo de modo a torná-lo significativo para todos.

Face ao que foi dito, *“Cordas”* sugere que meras intenções legais (por exemplo, o Decreto-Lei 54/2018) não bastam. É preciso que o professor seja um construtor do currículo e não um mero reproduzidor, que seja capaz de mobilizar as experiências reais dos alunos e crie redes de apoio (colaboração entre professores e alunos) para efetivar a inclusão.

Por fim, o filme explora como aprendemos estereótipos (bom/mau, capaz/incapaz) na socialização primária e desafia esses rótulos por via da empatia de Maria, trazendo-nos à colação ideias de teóricos como Freire (2011), compromisso educativo, e Goffman (1963), estigma social, sobre a necessidade de uma educação transformadora. O filme provoca, pois, uma reflexão sobre como aprendemos preconceitos sociais, por exemplo, rotular um colega como “capaz” ou “incapaz”, “bom” ou “mau”, corroborando que categorias como “normal” e “desviante” são construídas

socialmente (Bourdieu, 1977; Goffman, 1963). Em *“Cordas”*, a reação inicial dos colegas a Nicolás espelha o estigma (no sentido goffmaniano) ligado à deficiência, até que Maria quebra esse estereótipo pelo afeto. Segundo Goffman (1963), tais estigmas surgem quando atributos (como a deficiência) desafiam normas sociais e neste processo a pedagogia inclusiva deve desconstruir esses estereótipos. Do ponto de vista pedagógico, educadores como Paulo Freire (2011) enfatizam que ensinar implica “comprometimento” e a crença de que a mudança é possível. Assim, educar em binários rígidos será falhar na promoção de uma educação libertadora. *“Cordas”* convida a educar para a alteridade, ao invés de ensinar “bom vs mau” de forma absoluta, a cultivar a empatia e o pensamento crítico para que crianças aprendam valores de solidariedade e não de exclusão. Reforça a visão de que ser professor é exercer uma profissão eminentemente relacional e ética. O ensino deve ser tratado como profissão do humano e do relacional e os docentes devem ser “pessoas inteiras” em sala de aula, profissionais conscientes de si e comprometidos com cada aluno (Nóvoa, 2004). Este compromisso ético, aliás destacado por Baptista (2005) como cerne da docência, exige que a formação de professores integre teoria e prática, impondo-se o desenvolvimento de uma teoria da personalidade no interior da teoria da profissionalidade. *“Cordas”* torna-se, assim, recurso pedagógico ao emocionar, motivar, encorajar e inspirar futuros educadores a refletir criticamente sobre o seu papel, questionar preconceitos sociais e ligar teoria à prática num contexto inclusivo e humanizante.

Conforme comecei por referir, a reflexão aqui apresentada não deriva de uma experiência profissional, mas sim de uma sensibilidade pedagógica em construção, alimentada pelo estudo dos referenciais teóricos e normativos que balizam a Educação Básica em Portugal. Como futura docente, assumo que a minha visão é moldada pelos documentos e materiais enquadramentos abordados na formação inicial e pela vivência ainda inicial em contexto de Iniciação à Prática Pedagógica o que pode condicionar e/ou confinar a análise. Ainda assim, *“Cordas”* serve como um lembrete de que a inclusão exige “aprender fazendo”, mas exige também um compromisso coletivo com a formação contínua e a estruturação de políticas que não deixem os docentes e os alunos entregues à sua sorte. Reforça-se, assim, a convicção de que a nossa missão é ser, tal como Maria, agentes de ligação, garantindo que as “cordas” da nossa prática pedagógica sirvam sempre para libertar e nunca para amarrar o potencial de cada criança, ou seja, para criar laços e desenlaçar nós.

Referências bibliográficas

- Baptista, I. (2005). *Dar rosto ao futuro: A educação como compromisso ético*. Profedições.
- Bourdieu, P. (1977). *Outline of a theory of practice*. Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511812507>
- Decreto-Lei n.º 54/2018, de 6 de julho. Diário da República, 1.ª série, n.º 129. https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/EEspecial/dl_54_2018.pdf
- Leite, C. (2015, 27 de maio). *Currículo escolar – uma questão essencialmente política*. Federação Nacional dos Professores <https://www.fenprof.pt/curriculo-escolar-uma-questao-essencialmente-politica>
- Freire, P. (2011). *Pedagogia do oprimido* (50.ª ed.). Paz e Terra.
- Goffman, E. (1963). *Stigma: Notes on the management of spoiled identity*. Prentice-Hall.
- Nóvoa, A. (2004). Currículo e docência: A pessoa, a partilha, a prudência. In E. P. Gonçalves, M. Z. C. Pereira, & M. E. P. Carvalho (Orgs.), *Currículo e contemporaneidade: Questões emergentes* (pp. 1-11). Alínea.
- Organização das Nações Unidas (ONU). (1948). *Declaração Universal dos Direitos Humanos*. <https://www.oas.org/dil/port/1948%20Declara%C3%A7%C3%A3o%20Universal%20dos%20Direitos%20Humanos.pdf>
- Organização das Nações Unidas (ONU). (1989). *Convenção sobre os Direitos da Criança*. <https://www.unicef.org/brazil/convencao-sobre-os-direitos-da-crianca>
- Rodrigues, D. (2018, 17 de dezembro). Implementação polémica do novo regime jurídico da educação inclusiva [Entrevista]. *Fórum Municipal das Pessoas com Deficiência*. <http://forumdeficiencia.guimaraes.pt/?p=265>
- Solís García, P. (2014). *Cuerdas* [Curta-metragem]. La Fiesta PC.

Notas sobre a autora:

Beatriz Lopes de Azevedo

3250232@ese.ipp.pt

Instituto Politécnico do Porto

<https://orcid.org/0009-0005-5070-4895>

Estudante de Licenciatura em Educação Básica, Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto.